

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
DOUBLE BILL  
1 de Abril de 2023

SEVEN FOOTPRINTS TO SATAN / 1929

*Um filme de Benjamin Christensen*

Realização: Benjamin Christensen / Argumento: Benjamin Christensen (com o pseudónimo de Richard Bee), baseado num romance de Abraham Merritt / Texto dos intertítulos: Cornel Woolrich (com o pseudónimo de William Irish) / Direcção de Fotografia: Sol Polito / Montagem: Frank Ware / Interpretação: Thelma Todd (Eve Martin), Creighton Hale (James Kirkham), Sheldon Lewis (Spider, “a Aranha”), William V. Mong (o Professor), Sojin Kamiyama (Sojin), Laska Winter (a amante de Satanás), Ivan Christy (criado), DeWitt Jennings (Tio Joe), Nora Cecil (bruxa velha), Kalla Pasha (professor Von Wiede), Harry Tembrook (motorista), Angelo Rossitto (o anão), etc.

Produção: First National Pictures, para a Warner Bros. / Produtor: Wid Gunning / Cópia: digital (dcp), preto e branco, muda com intertítulos em dinamarquês e legendagem electrónica em português / Duração: 55 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

SEVEN FOOTPRINTS TO SATAN vai ser apresentado com SEVEN SINNERS de Tay Garnett (“folha” distribuída em separado) e entre os dois filmes há um intervalo de 20 minutos.

\*\*\*

Acompanhamento ao piano por João Paulo Esteves da Silva

\*\*\*

**Seven Footprints to Satan**, que foi um enorme fracasso de bilheteira (receita bruta de 130 000 dólares, quantia que mesmo para a época era um desconsolo irredimível), corresponde ao período final da passagem do dinamarquês Benjamin Christensen por Hollywood, e praticamente, também, ao final da sua carreira como realizador de cinema. Recorde-se que Christensen (1879-1959) fora autor de um fabuloso filme no princípio dos anos 20, **Häxan**, que a Cinemateca já exibiu várias vezes e é hoje o principal motivo por que o nome do realizador é lembrado. Mas ao que tudo indica, ele foi na época um cineasta bem mais famoso do que se supõe: está, por exemplo, registada a admiração de Carl Th. Dreyer por ele, aliás uma admiração que pode ser verificada pelo facto de Dreyer ter oferecido a Christensen (que também teve uma vida de actor, sobretudo no teatro) um papel em **Michael**, filme feito na Alemanha, nos estúdios da UFA, onde Christensen se encontrava a trabalhar depois do sucesso de **Häxan**. O sucesso de Christensen na Alemanha foi, pelo menos, suficiente para atrair a atenção de Hollywood, já que em 1924 (o mesmo ano do filme de Dreyer) lhe chegou um convite da MGM, que Christensen aceitou. Mas em Hollywood a sorte do dinamarquês mudou, o sucesso volveu-se numa sucessão de insucessos, e se ainda passou da MGM à Warner Brothers, onde filmou sobretudo uma série de filmes de “terror” ou aparentados, o sucesso teimou em manter-se distante. 1929, o ano em que se estreou **Seven Footprints to Satan**, foi o último ano de Christensen na América. Frustrado, mas também farto da maneira de funcionar de Hollywood, voltou à Dinamarca, e não quis saber do cinema durante praticamente toda a década de 30. Refugiou-se no teatro, o seu meio original, e só na viragem de 30 para 40 se resolveu a um breve regresso ao cinema, para um punhado de filmes que também vive hoje, pelo menos internacionalmente, na maior obscuridade.

Nem tudo o que Christensen fez na América corresponde a este perfil (conhecemos **Mockery**, com

Lon Chaney, um filme de 1927 que é um melodrama histórico com o fundo da Revolução Russa de 1917), mas a sua insistência nos filmes de terror (que não era um género ainda perfeitamente codificado, e certamente que não com os códigos com que hoje reconhecemos o género e as suas declinações), tenha sido voluntária ou consequência de uma espécie de “exílio” ditado pela falta de sucesso comercial (convém frisar que Christensen entrou em Hollywood em grande, a trabalhar com as maiores vedetas: antes do filme com Chaney a sua estreia americana tinha contado com Norma Shearer, num filme chamado **The Devil’s Circus**), segue uma linha que nas suas curvas e contracurvas não deixa de ir dar a Hãxan: os imaginários do demonismo e da bruxaria, tratados como espectáculo em si mesmo, mas também enquanto reflexo das grandes forças irracionais que, independentemente do “progresso” civilizacional, assombram a existência humana. É precisamente para aí que **Seven Footprints to Satan** nos convoca, numa intriga onde mais uma vez as referências demoníacas abundam (logo no título), como abundam as máscaras e uma espécie de assunção da falsidade, do teatral, e portanto, a partir daí, da *encenação*, do *jogo*. Estes elementos são certamente importantes neste filme, cuja base narrativa (vimos o filme com os intertítulos em dinamarquês sem tradução: perdoe o espectador alguma incorrecção ao nível da intriga ou do sentido das suas peripécias) assenta numa aventura por uma espécie de casa assombrada, que culmina numa espécie de “tour de force” aliás filmado com um sentido de “suspense” incrível (a cena com a escadaria onde estão as “pegadas de Satanás”, como um derradeiro teste), e que se vem a revelar ser, justamente, uma grande encenação, preparada na sombra por uma figura que reclama, pelo menos ao nível da “máscara”, um poder satânico – como se se tratasse de um jogo perigoso, de um *most dangerous game*, como no filme de Cooper e Schoedsack, **The Most Dangerous Game**, que se estrearia três anos depois. **Seven Footprints to Satan** pertence, sem dúvida, a essa linhagem de filmes fascinada por figuras sombrias, manipuladoras, outorgadas de um poder sobre a vida humana (dos outros) que está na fronteira entre a amoralidade e a imoralidade. Mas há também o puro animalismo, o colorido (a preto e branco) de uma galeria de personagens bizarríssimas com referências a uma zoologia variada, como se a questão humano/animal, civilização/instintos, pairasse no ar do tempo. É da ordem da psicanálise barata (ou pelo menos incipiente) de Hollywood, mas **Seven Footprints to Satan** parece ligar-se tanto às tradições “demoníacas” europeias (a alemã, de onde Christensen directamente veio, mas sem esquecer o que ele ensaiou em **Hãxan**) a vários filmes que na altura (1929) ainda não tinham sido feitos mas em breve veriam a luz (e as trevas) no cinema americano, e que fortemente reflectem todas estas questões, como se elas habitassem, de facto, o subconsciente da época: pensamos no **Dr. Jekyll and Mr. Hyde** de Mamoulian (1931), no **Island of Lost Souls** de Erle C. Kenton (1932), pensamos até, na espécie de exploração dos limites *formais* da humanidade (embora num embrulho paródico, a questão também está no filme de Christensen), num filme como o **Freaks** de Tod Browning (1932), com o qual, aliás, se pode fazer um vínculo directo (um dos actores do filme de Christensen, Angelo Rossitto, “o anão”, veio a fazer parte do elenco do filme de Browning).

Para não falar do onirismo. Visualmente, o tom de pesadelo – quase “surrealista”, ou propriamente surrealista – marca muitas das cenas de **Seven Footprints to Satan**, e este imaginário, “cauchemardesque” como diriam os franceses, continua, quase cem anos depois, com as suas propriedades espectaculares intactas.

Luís Miguel Oliveira